



BOAS NOTÍCIAS DE TUCURUÍ

Pedro Rogério

A década de 70 foi marcada pela tomada de consciência planetária pela preservação do meio ambiente. O que antes era discutido só nos meios acadêmicos transformou-se em foco de atenção popular. A mídia passou a se dedicar, cientificamente, a tema até então abordado com o olhar meramente curioso. Em muitos países, formaram-se movimentos organizados, partidários, como o pioneiro e o mais famoso deles, o Green Peace. No Brasil não foi diferente. E, como vivemos sob o sol dos trópicos, o tempo esquentou por aqui: o mar ia virar sertão.

A militância ecológica opera calorosamente, como a emergência do tema ainda exige: se não fosse a grita geral do mês passado, o Congresso teria aprovado nova lei florestal que ia descascar o país inteiro.

Naqueles já remotos anos do final da década de 70, havia pouco conhecimento a lastrear os conceitos emitidos sobre tema tão recente. Daí para se formar uma visão terrorista, era um pulo. O jovem repórter que chegava à Amazônia, em 1980, com a missão de retratá-la cotidianamente para os telejornais da Rede Globo, recolhia catástrofes a torto e a direito. Tarefa difícil era peneirar a verdade técnica ou científica da sacação, do impossível, do temor infundado.

A primeira reportagem foi sobre a hidrelétrica de Tucuruí. O repórter anotou uma enxurrada de hecatombes ecológicas que se-

riam causadas pelo colossal paredão de concreto, ferro, pedra e terra de 12.560 metros de extensão, que ia barrar o Tocantins no seu trecho tempestuoso para formar um lago 25 vezes maior que a Baía de Guanabara e capaz de gerar energia para movimentar o progresso do Pará e, com as sobras, acender luzes no Nordeste e no Centro-Sul. Se a barragem estourasse, Belém submergiria — ouviu de um professor, e não atendeu para o detalhe de que a cidade está ao nível do mar... A floresta inundada com o represamento da gigantesca massa líquida emitiria gases mortais... A madeira apodrecida no fundo causaria estragos irreversíveis às turbinas... Mais de oito bilhões de dólares desapareceriam nesse formidável vertedouro do apocalipse.

Hoje, em plena Semana do Meio Ambiente, é reconfortante para o ex-correspondente na Amazônia ler o relatório divulgado dias atrás, na Cidade do Cabo, África do Sul, pela Comissão Mundial de Barragens. Esse organismo patrocinado pela União Internacional pela Conservação e pelo Banco Mundial fez um levantamento das consequências ecológicas, sociais e econômicas do empreendimento hidrelétrico brasileiro, 25 anos depois do início da construção de Tucuruí (1975) e 14 anos após a entrada da usina em operação comercial (1986).

Do relatório, vão-se agora pinçar informações aqui e ali, mas o

fundamental é dito logo: inexistente catástrofe à vista. Começamos pelo mais importante: as gentes da região. Em 1981, quando filmei o novo aldeamento dos índios paracanãs (a velha aldeia ia ser inundada), eles eram apenas trinta e poucas almas. O cacique Piau, coitado, contraíra poliomielite ao entrar em contato com o grupo precursor da abertura da Transamazônica, dez anos antes. Na cadeira de parálítico, previa o pior: a extinção do seu povo, pela degeneração do sangue. Tio já estava casando com sobrinha. A Funai trabalhava para localizar uma parte da tribo que fugira para o Xingu, com medo dos intrusos. Diz agora o relatório: já são 483 paracanãs. Beleza! A Eletronorte investe neles US\$ 500 mil/ano em saúde, educação, apoio à produção e proteção territorial.

No campo da fauna terrestre, os cientistas previam em 1980 a perda de espécies, mas o estudo da Comissão Mundial de Barragens não chegou a dados conclusivos. Sobre os peixes do Tocantins, outra boa notícia: não aconteceu, "na magnitude inicialmente prevista", nem o desaparecimento de algumas espécies "nem as oscilações de abundância de algumas espécies na pesca comercial".

Outras notícias boas: "Previu-se a mudança do microclima regional pela existência de uma grande área coberta pelas águas. Observou-se apenas um ligeiro aumento da umidade relativa na

área em torno do reservatório".

"Houve, num primeiro período, sensível deterioração na qualidade da água do reservatório em função da degradação da matéria orgânica submersa, em especial nos períodos de estiagem. Porém, após alguns anos, pôde ser observada melhora crescente."

"A região apresentou na época da construção da usina aumento no número de casos de malária. Os dados mais recentes indicam, porém, que o risco de contrair a doença na cidade de Tucuruí voltou aos índices históricos observados antes do enchimento do reservatório."

É claro que nem tudo está evidentemente iluminado para ser visto com a clareza da verdade. A ciência vem acumulando enorme acervo de conhecimentos sobre a matéria, mas é imensa a zona de sombra. Além do mais, quando o homem altera o desenho divino, cutuca a serpente. Se alguém, daqueles tempos ardentes, ainda teimar em considerar a hidrelétrica amazônica uma ação diabólica do Estado brasileiro, pode pinçar no relatório fatos desconfortáveis para os estrategistas econômicos do finado regime militar, como no capítulo sobre "quem ganhou" e "quem perdeu" (sic) com a construção de uma usina no meio do éden paraense. Mas, se o fizer, fará sob a luz de uma obra humana que transmite a certeza da perenidade.